



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GABRIEL LUAN OLIVEIRA DA SILVA PEREIRA DE JESUS

**“A FORMA DA ALMA DO HISTORIADOR”: A HERMENÊUTICA NA
TEORIA DA HISTÓRIA DE GEORG SIMMEL**

BRASÍLIA

2021

GABRIEL LUAN OLIVEIRA DA SILVA PEREIRA DE JESUS

**“A FORMA DA ALMA DO HISTORIADOR”: A HERMENÊUTICA NA
TEORIA DA HISTÓRIA DE GEORG SIMMEL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis

BRASÍLIA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

GABRIEL LUAN OLIVEIRA DA SILVA PEREIRA DE JESUS

“A FORMA DA ALMA DO HISTORIADOR”: A HERMENÊUTICA NA TEORIA
DA HISTÓRIA DE GEORG SIMMEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em História, pela seguinte banca:

Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis
Orientador – Departamento de História
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas
Departamento de História
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Ma. Aniele Almeida Crescêncio
Doutoranda em História
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

AGRADECIMENTOS

Apresento este trabalho em meio a uma pandemia global. Não imaginava que esse seria o cenário no qual eu vivenciaria meus últimos dois semestres de graduação. A sensação é que perdi parte da minha experiência universitária. Entretanto, sinto nostalgia e me alegro quando penso nos anos bem aproveitados que passei na Universidade de Brasília. Entrei na UnB aos dezessete anos, sendo ainda um adolescente imaturo e inconsequente. Felizmente, a universidade me foi um espaço de aprendizado e amadurecimento. Saio desse primeiro contato com a academia com uma forte gratidão por todos aqueles que participaram comigo dessa jornada.

Sendo assim, agradeço aos professores do Departamento de História pelas excelentes aulas, em especial, André Gustavo de Melo Araújo, Francisco Doratioto, José Inaldo Chaves Júnior, José Otávio Nogueira Guimarães e Maria Filomena Pinto da Costa Coelho. Agradeço ao Prof. Dr. Tiago Luís Gil pelo apoio e paciência em ter sido meu orientador na Iniciação Científica. Agradeço também ao meu atual orientador, Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis, por seus conselhos e atenção.

Além dos professores, a graduação não seria possível sem a presença de meus amigos e familiares. Pelo companheirismo, agradeço aos meus amigos Gino Pinori, Maria Clara, Márcia Cecília, Luana Vitória, Janaína Santana, Cíntia Chaves, Ana de Souza e Bruna Letícia, dentre outros. Pela ajuda inestimável, agradeço ao meu psicólogo Leonardo. Pelo cuidado, agradeço ao meu namorado André Henrique. Por fim, agradeço à minha mãe, Selma Silvina, e à minha irmã, Isabela Oliveira, as pessoas mais importantes da minha vida. Vocês estarão eternamente marcados na minha história.

“Mas é que também não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada me existe. E – e se a realidade é mesmo que nada existiu?! quem sabe nada me aconteceu? Só posso compreender o que me acontece mas só acontece o que eu compreendo - que sei do resto? o resto não existiu. Quem sabe nada existiu! Quem sabe me aconteceu apenas uma lenta e grande dissolução? E que minha luta contra essa desintegração está sendo esta: a de tentar agora dar-lhe uma forma? Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa – a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, mas se eu cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes - então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada.”

Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*

RESUMO

Georg Simmel foi um dos principais filósofos alemães do período de transição entre os séculos XIX e XX. Eclético intelectualmente, ele investigou um sem-número de objetos. Dentre esses, a disciplina e o fenômeno da história o interessaram profundamente, fato perceptível quando se contabiliza a grande quantidade de textos escritos ao longo de sua vida no âmbito da filosofia da história. Um dos pontos centrais desses escritos, é a formulação de uma teoria da compreensão histórica, ou seja, de uma hermenêutica histórica. Neste trabalho, dividido em três capítulos, analiso, basicamente, o desenvolvimento de tal hermenêutica. No primeiro capítulo, trato da história como um problema duplo no âmbito geral dos textos simmelianos: um problema da modernidade e um problema filosófico. No segundo capítulo, investigo a teoria da compreensão presente no livro *Os Problemas da Filosofia da História* (1905), no qual Simmel pensou a dinâmica da compreensão a partir dos seus *a priori* psicológicos. Já o terceiro capítulo é dedicado à análise dos *Ensaio sobre teoria da história* (1916-1918), textos escritos em data próxima à sua morte, nos quais Simmel vinculou a sua teoria da compreensão à categoria de vida, formulando uma hermenêutica de cunho vitalista, distante da concepção psicologista de outrora.

Palavras-chave: Georg Simmel; Hermenêutica; Psicologia; Vitalismo; História.

ABSTRACT

Georg Simmel was one of the leading German philosophers of the late nineteenth and early twentieth centuries. His investigations reach a great diversity of disciplines and subjects, and include issues related to the concept of history and to historical knowledge, to which he dedicated a good amount of texts in different moments of his intellectual life. One of the striking aspects of Simmel's theory of history is its strongly hermeneutical orientation. In the present work, divided into three chapters, I analyze the development of Simmel's hermeneutics. In the first chapter, I explore how history emerges as a double problem throughout his work, namely as a problem linked to the experience of modernity and as a philosophical problem. In the second chapter, I investigate the theory of understanding that Simmel developed in his *The Problems of Philosophy of History* (1905), in which he conceived of the dynamics of understanding from this psychological *a priori*. The third chapter analyses the texts grouped into the *Essays on Interpretation in Social Science* (1916-1918), in which Simmel linked his theory of understanding to the category of life, thus reformulating his hermeneutic in vitalist fashion.

Keywords: Georg Simmel; Hermeneutics; Psychology; Vitalism; History.

SUMÁRIO

Introdução	9
1. Simmel e a história	12
1.1. Um problema da modernidade	14
1.2. Um problema filosófico	19
2. Os Problemas da Filosofia da História	22
2.1. <i>O que significa compreender?</i>	25
2.1. A hermenêutica psicológica	29
3. Ensaio sobre teoria da história	32
3.1. <i>O pensamento em via de compreender</i>	35
3.2. A hermenêutica vitalista	41
Considerações finais	45
Referências bibliográficas	47

INTRODUÇÃO

Georg Simmel (1858-1918) foi um dos maiores intelectuais alemães de seu tempo, haja vista a multiplicidade de temas que abarcou com excelência em aulas e textos e o estilo inovador e peculiar que o tornou uma figura destacada no meio acadêmico. Nas últimas décadas, os estudos acerca das obras de Simmel cresceram de forma vertiginosa, o que decorre, principalmente, do reconhecimento da sua originalidade e da descoberta da reverberação de suas ideias e de seu estilo em pensadores renomados. A esse respeito, é possível citar, por exemplo, Norbert Elias, Zygmunt Bauman e dois dos mais célebres integrantes da Escola de Frankfurt, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin, os quais, por sua vez, “são sensíveis à sua percepção estética da modernidade e ao seu ensaísmo”¹.

Dentre os diversos títulos que podemos atribuir a Simmel, é legítimo o caracterizar como um dos maiores teóricos da história do século XIX, “de não menor estatura que Droysen ou Dilthey”². Isso se deu, sobretudo, por sua preocupação de analisar epistemologicamente a historiografia com cuidado e atenção, o que foi uma atividade frequente em variados momentos de sua carreira. Ao realizar essa tarefa, Simmel intentava, dentre outras coisas, avaliar a capacidade do historiador de interpretar os indivíduos do passado e, em uma formulação próxima às suas próprias palavras, investigar como a história se fazia possível. Essas eram questões da ordem do dia. Para resolvê-las, ele se vinculou à tradição de reflexão hermenêutica, especialmente aquela que buscava transformar a teoria da compreensão na base de sustentação e legitimação das chamadas ciências do espírito.

A hermenêutica, tradicionalmente ligada ao desenvolvimento de métodos de interpretação e correta compreensão dos textos bíblicos, progressivamente, tornou-se mais abrangente³. Schleiermacher foi um dos principais nomes a torná-la uma teoria geral do ato compreensivo, já que se recusava a reduzir a hermenêutica à soma de ferramentas analíticas de textos complexos e obscuros, apesar da importância dessa

¹ AGARD, Olivier. Georg Simmel et la *Völkerpsychologie*. In.: TRAUTMANN-WALLER, Céline (Org.). *Quand Berlin pensait les peuples: Anthropologie, ethnologie et psychologie (1850-1890)*. Paris: CNRS Éditions, 2014, n.p. Tradução livre.

² BEISER, Frederick. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011, n.p. Tradução livre.

³ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1999, pp. 44-45.

tarefa. Em contrapartida, ele esteve empenhado em transformá-la em uma investigação do processo compreensivo em sua completude⁴.

No século XIX, a hermenêutica passou também a assumir a função de fundamento das humanidades, sendo Wilhelm Dilthey um dos intelectuais mais relevantes a utilizá-la com esse propósito, em razão das suas tentativas de impedir que as ciências do espírito dependessem dos métodos das ciências naturais para assegurar a sua legitimidade. Ao seu ver, as ciências naturais buscariam as regularidades do mundo natural, enquanto as humanidades tomariam conta de elementos únicos e particulares do universo sócio-histórico. As primeiras se interessariam pela explicação, enquanto as segundas, pela compreensão⁵.

É perceptível que, embora haja divergências significativas entre Dilthey e Simmel, aquele foi consideravelmente importante nas elaborações teóricas deste. Os dois se entregaram à tarefa de esclarecer a especificidade das ciências do espírito e apoiaram-se na centralidade da compreensão como fundamento das humanidades.

Como defendo na presente monografia, Simmel partiu, inicialmente, de uma visão da hermenêutica vinculada fortemente à psicologia, em que pretendia desvendar os elementos psicológicos que tornavam a compreensão possível. Em seus últimos trabalhos, porém, ele se esforçou por diminuir a relevância da abordagem psicologizante de outrora, substituindo-a por uma concepção de compreensão relacionada à sua filosofia da vida.

A referida tese é desenvolvida em três capítulos. No primeiro, apresento o domínio da história como um problema duplo no âmbito geral de seus trabalhos: por um lado, entendido como uma questão que adquire amplitude inédita na modernidade, dado a destruição progressiva das correntes do passado e do surgimento de um sujeito consciente de sua historicidade, e, por outro, como um problema filosófico de primeira ordem.

No segundo capítulo, trato da fase inicial do desenvolvimento da hermenêutica simmeliana, de caráter psicológico. Tenho como base o texto *As condições da*

⁴ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1999, p. 101.

⁵ *Ibidem*, p. 112.

investigação histórica, primeira parte do livro *Os Problemas da Filosofia da História* (1905). Aprofundo-me em alguns componentes centrais dessa fase e busco estabelecer o sentido em que o termo “psicologia” foi articulado, exercício essencial para que fosse possível comparar a hermenêutica psicológica com a hermenêutica vitalista, possibilitando observar as consequências que tal mudança de perspectiva desencadeou.

A incipiente hermenêutica vitalista será o foco do terceiro capítulo, que trata especificamente dos *Ensaio sobre teoria da história* (1916-1918), os escritos de fim de vida em que Simmel expôs um novo ponto de vista no tocante à sua teoria da compreensão. Nesse capítulo, abordo como ele utilizou das reflexões desenvolvidas em sua filosofia da vida para a construção de um novo entendimento da natureza da disciplina da história, a partir de então considerada o tipo de conhecimento mais próximo do fenômeno da vida.

1. Simmel e a história.

Georg Simmel (1858-1918) foi um sociólogo alemão conhecido, principalmente, por seu pioneirismo no desenvolvimento da “sociologia formal”⁶ e por ser o autor de importantes livros e ensaios sociológicos, como *Sobre a diferenciação social* (1890), *Filosofia do dinheiro* (1900) e *As grandes cidades e a vida do espírito* (1903). Simmel, entretanto, desejava ser reconhecido, prioritariamente, como um filósofo⁷, alcunha que o permitia aventurar-se⁸ pelas mais diversas temáticas e áreas, bem como ser, como define David Frisby, um “peregrino” que “sentia-se em casa em todas as partes, não apenas no escritório de sociólogo profissional”⁹. Do feminismo à ética, da arte à modernidade, o ecletismo intelectual foi uma de suas principais características.

Desde a entrada de Simmel na Universidade de Berlim em 1876, a história figurava como uma de suas áreas de interesse. De início, ele pretendia cursar direito e seguir a carreira de advogado, pois, sendo de família judaica, essa parecia ser uma oportunidade de angariar aceitação e prestígio social em uma sociedade permeada por conflitos e tensões antissemitas. Porém, ao assistir aos seminários de história, Simmel abandonou o desejo de formar-se advogado e, em vez de seguir carreira jurídica, vislumbrou a possibilidade de ser um acadêmico do cenário universitário alemão.¹⁰ Vale ressaltar que Simmel foi aluno de importantes historiadores, como Theodor Mommsen, Johann Gustav Droysen, Heinrich von Treitschke e Heinrich von Sybel¹¹, professores que o convenceram da relevância da observação de objetos em perspectiva histórica, a qual esteve presente em boa parte dos trabalhos que desenvolveria futuramente.

⁶ Nas últimas décadas, boa parte da fortuna crítica questiona o caráter limitante de se compreender a sociologia simmeliana como apenas uma sociologia formal. “A sociologia de Simmel foi malentendida e mal situada freqüentemente, como ‘sociologia formal’ [...]. Durante o tempo em que predominou essa perspectiva era impossível o reconhecimento do desempenho original de Simmel.” RAMMSTEDT, O. & DAHME, H. J. A modernidade atemporal dos clássicos da sociologia: reflexões sobre a construção de teorias em Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies, Max Weber e, especialmente, Georg Simmel. In.: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthol (orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 2014, p. 202.

⁷ BEISER, Frederick. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

⁸ Referência à caracterização de Simmel como um intelectual aventureiro, expressão consagrada por Leopoldo Waizbort. WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós- Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

⁹ FRISBY, David. *Georg Simmel*. 2ª edição. México: Fondo de Cultura Económica, 2014, p. 272. Tradução livre.

¹⁰ WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*, p. 554.

¹¹ VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 35.

Mesmo quando Simmel passou a se interessar por outras áreas, ele continuou a ter contato com questões acerca do fenômeno da história. Esse é o caso, por exemplo, da psicologia. Ele conheceu de forma direta e aprofundada a vertente da psicologia alemã chamada *Völkerpsychologie*¹². Essa “psicologia dos povos”, em uma tradução que não consegue tomar conta do sentido original do termo, continha uma forte perspectiva histórica e seu intuito enquanto disciplina era apreender, através de uma investigação empírica dos elementos culturais¹³, o “espírito da nação”, o qual, em tese, seria a força motora da história. O “espírito da nação” congregaria uma faceta histórica e outra mecânica, de tal maneira que era resultado das ações dos indivíduos e de leis autônomas¹⁴. O propósito dessa ciência seria buscar as leis de desenvolvimento histórico da civilização para que o progresso da nação estivesse sob domínio de seus participantes. Logo, através da *Völkerpsychologie*, Simmel tinha contato profundo com uma disciplina que tratava de assuntos relativos à natureza e ao sentido da história.

Além disso, a *Völkerpsychologie* foi fundamental para que ele desenvolvesse, no início de sua carreira, uma historicização da ética, ou seja, o processo de posicionar a ética como um elemento construído ao longo do tempo, distanciando-se, portanto, de uma abordagem essencialista. Os divulgadores de tal campo da psicologia acreditavam que os elementos do universo cultural humano são de natureza social e histórica, sendo também a ética um produto da sociedade e do desenvolvimento histórico. Simmel, então, tomou o compromisso de provar a historicidade da ética em seu livro *Introdução à ciência moral* (1892-1893) no qual produziu “a primeira ética historicista sistemática, o primeiro trabalho a aplicar métodos e raciocínios históricos a toda gama de conceitos éticos”¹⁵.

Esse, porém, não é um trabalho isolado. Como dito, Simmel frequentemente observava os seus objetos de estudo através de uma perspectiva histórica, o que pode ser averiguado naqueles textos que constituem sua teoria da modernidade. Em seu

¹² FRISBY, David. Georg Simmel and Social Psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, EUA, v. 20, n. 2, 1984, p. 108.

¹³ “Elementos culturais” não era o termo utilizado pelos formuladores da *Völkerpsychologie*, Lazarus e Steinthal. Entretanto, acredito que o termo, em uma síntese explicativa de passagem, preserva a ideia de produtos da ação do “espírito da nação”.

¹⁴ KLAUTKE, Egbert. *The Mind of the Nation: Völkerpsychologie in Germany, 1851-1955*. Nova York: Berghahn Books, 2013, p. 17.

¹⁵ BEISER, Frederick. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011, n.p. Tradução livre.

entendimento, a época moderna era um período histórico de intensas rupturas em relação ao período que o antecede, a Idade Média. Ele tomava como certo que foi na modernidade que ocorreu o surgimento de um novo tipo de sujeito, o qual se observa imerso em um processo histórico contínuo e que intenta se desvincular de toda forma de subjugação que foi perpetuada ao longo do tempo. A história tornara-se, assim, um problema da modernidade.

1.1. Um problema da modernidade.

Compreender o mundo moderno foi um dos principais objetivos de Simmel. As aceleradas mudanças e a energia cada vez mais frenética da cidade grande, em especial de sua querida Berlim, evidenciavam o surgimento de um novo momento histórico. A complexidade crescente da economia, a ágil dinâmica da moda, as inovadoras expressões artísticas e tantos outros aspectos da modernidade chamavam sua atenção. Simmel foi, de fato, um intelectual da modernidade ou, melhor, um intelectual moderno. Nas palavras de Otthein Rammstedt, “nenhum outro sociólogo daquele tempo foi considerado tão ‘moderno’ quanto Simmel em sua vida cotidiana e em suas atividades como escritor e cientista”¹⁶, o que é notório, por exemplo, por sua proximidade enquanto jovem aos grupos socialistas e por seu estilo de escrita único, desprendido dos moldes acadêmicos tradicionais.

A era moderna, para ele, chegava no apogeu em sua própria época: o século XIX. Apesar de abarcar alguns séculos anteriores, o mundo parecia tornar-se definitivamente moderno no oitocentos, pois, como salienta Leopoldo Waizbort, “os fenômenos que ele aponta são perceptíveis no século XV, mas só ganham sentido (o sentido que Simmel quer) à luz do século XIX”¹⁷. Ademais, variados foram os termos utilizados por Simmel como sinônimos ou expressões familiares a “período moderno”, todos definindo “um mesmo e único processo”¹⁸.

¹⁶ 16 RAMMSTEDT, Otthein. Como Georg Simmel chegou à modernidade e lhe permaneceu fiel?. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, Abril, 2015, pp. 53-54.

¹⁷ WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, p. 174.

¹⁸ *Ibidem*, p. 175.

Na modernidade, os indivíduos angariaram maior liberdade e igualdade, dois elementos que surgiram como valores centrais desse período histórico. No famoso ensaio *As grandes cidades e a vida do espírito* (1903), Simmel indicava que “o século XVIII encontrou o indivíduo em conexões constrictivas, [...] restrições que impunham ao homem, por assim dizer, uma forma não natural e desigualdades há muito injustas. Nesta situação irrompeu o clamor pela liberdade e igualdade”¹⁹. Independentes de muitas das relações de fidelidade e aliança com pessoas, instituições e espaços, os sujeitos se libertaram de várias daquelas imposições de ordem familiar, religiosa e laboral que foram tecidas por séculos a fio.

Nesse cenário, porém, não apenas os indivíduos se tornaram mais independentes, como os objetos sofreram um processo similar. As novas possibilidades técnicas, em destaque a longa cadeia produtiva da indústria, proporcionaram o surgimento de uma multiplicidade de objetos, de tal forma que esses se desvincularam dos sujeitos. O trabalho artesanal, progressivamente, tornou-se um trabalho industrial, o que impedia uma relação de afetividade e proximidade dos objetos para com os trabalhadores. O destino da mercadoria tornava-se incerto, pois poderiam ser comprados por quem quer que fosse e seguir os caminhos mais variados do mercado. Objetos e sujeitos tornaram-se independentes, possibilitando uma maior liberdade e gama de possibilidades para ambos. “A época moderna tornou assim o sujeito e o objecto reciprocamente independentes, para que cada um deles pudesse encontrar o seu desenvolvimento da maneira mais pura e mais completa”²⁰, enfatizava Simmel no texto *O dinheiro na cultura moderna* (1896).

Essa realidade inédita poderia desembocar em uma era de intenso cultivo dos sujeitos. Entretanto, isso não se efetivou. Simmel diagnosticava a modernidade como uma era, por essência, trágica. A alienação, ele apontava, é característica marcante da nova sociedade, de tal forma que a cultura subjetiva e a cultura objetiva estão dissociadas, o que impede o florescimento do indivíduo, que não consegue digerir e

¹⁹ SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. In.: SIMMEL, Georg. *Psicologia do Dinheiro e outros ensaios*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2015 pp. 113-114.

²⁰ *Idem*. *O dinheiro na cultura moderna*. In.: SIMMEL, Georg. *Psicologia do Dinheiro e outros ensaios*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2015, p. 48.

tornar proveitosa a multiplicidade de objetos que surgem à sua frente²¹. A rapidez e a agilidade da produção não são condizentes com a velocidade necessária para que os sujeitos possam se apropriar da cultura objetiva para o desenvolvimento de sua cultura subjetiva. Essa é a época da técnica e da reprodução acelerada.

Logo, Simmel não enxergava o mundo moderno através de uma lente otimista. A análise simmeliana da modernidade, como nos aponta João Carlos Tedesco, se aproximava, na realidade, de uma perspectiva fatalista²². Isso porque ele se distanciou da crença no progresso linear e observou criticamente os avanços e os valores da sociedade burguesa que o cercava, priorizando a investigação do universo social através de suas tensões, paradoxos e ambiguidades, os pontos cegos que estão no âmago de sua existência.

Dessas tensões, é possível destacar a busca do sujeito moderno em impedir que a história continuasse a ser uma dimensão que imobilizasse a ação livre, o que infringiria a sua potencialidade. A história, até então, era um empecilho ao alcance da liberdade e da igualdade por determinar impositivamente a posição dos sujeitos no mundo. Não obstante, no horizonte da modernidade, tornou-se possível tomar as rédeas da história. Fortemente ciente de sua natureza histórica, o sujeito moderno observou que as desigualdades e as injustiças da realidade são frutos de processos transcorridos ao longo do tempo e passou a reconhecer que os sujeitos são iguais por natureza, de tal forma que muitas autoridades deixaram de ser legitimadas.

Simmel evidenciou essa mudança de relação do indivíduo com a história em, pelo menos, dois textos. No ensaio *A escultura de Rodin e a direção espiritual do presente* (1902), ele tratou das expressões e tendências artísticas de sua época. Das várias estéticas inovadoras que passaram a existir, Simmel enunciava que duas delas, o naturalismo e o convencionalismo, não carregavam, de fato, os valores modernos. Ambos, que podem ser lidos também como tendências intelectuais que enfrentava, mantinham em seus ideais os grilhões da história e da natureza, ou seja, acreditavam que os elementos históricos e os elementos naturais são forças inescapáveis que

²¹ WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, pp. 226-227.

²² TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambigüidades da modernidade. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, pp. 57-67, 2007, p. 60.

determinam o homem. Uma longa citação se faz necessária para compreender esse dilema:

*Naturalismo e convencionalismo são apenas os reflexos artísticos das duas violações do século XIX: natureza e história. Ambas ameaçavam sufocar a personalidade livre, pertencente a si própria. Uma porque seu mecanismo submetia a alma à mesma obrigação cega de uma pedra caindo e de um talo brotando, a outra porque reduzia a alma a um mero ponto de interseção da teia social e dissolvia toda sua produtividade em uma gerência da herança da espécie. Ao indivíduo, assim oprimido pelas armas superpoderosas da natureza e da história, não restou nem particularidade nem atividade autônoma real. Ele se tornou um mero ponto de passagem de forças exteriores.*²³

Um discurso similar pode ser encontrado no prólogo de *Os Problemas da Filosofia da História* (1905). Simmel aqui analisou o mesmo fenômeno, ou seja, o crescimento da autonomia do ser humano frente à história e à natureza. Entretanto, ele colocou essa questão em termos kantianos e posicionou Kant como o filósofo que foi capaz de desmistificar a ideia do indivíduo que é subordinado ao mundo natural. O homem não é apenas um ser da/na natureza, mas a representa, bem como suas leis gerais, para que a possa tornar entendível e manipulável. Simmel buscará realizar a mesma desmistificação de Kant, porém, por seu turno, em relação à história:

*Com isso se dissipa uma das coações que ameaçam o homem moderno: a da natureza e a da história. Ambas parecem sufocar a personalidade livre, autônoma; uma, porque seu mecanismo submete a alma à mesma força cega que rege a queda da pedra e o crescimento da grama; a outra, porque reduz a alma a um simples ponto de interseção de fios sociais espalhados através da história e resolve toda sua produtividade na administração da herança da espécie.*²⁴

Além de diminuir o caráter coercitivo das imposições históricas, Simmel entendia que a história é uma história de mudanças, especialmente da mudança das interações entre indivíduo e sociedade. Essa é uma concepção diferente, por exemplo, da primeira afirmação de Marx e Engels presente no *Manifesto comunista*, segundo a qual “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes”²⁵. A diferença se faz perceptível quando o trecho do manifesto é lido ao pé da

²³ SIMMEL, Georg. A escultura de Rodin e a direção espiritual do presente. In.: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 2014, p. 154. Grifo nosso.

²⁴ *Idem. Problemas de Filosofia de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, pp. 9-10. Grifo nosso. Tradução livre.

²⁵ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 40.

letra. Para Simmel, a história não se esgotaria com uma dinâmica de luta, porque, assim como demonstrou em seus trabalhos sociológicos, existe uma multiplicidade de formas de interação entre indivíduo e sociedade, sendo cada período histórico marcado por uma especificidade de tal relação.

Porém, Simmel não montou um método sociológico de análise da história, nem mesmo pensava que esta deva ser interpretada a partir de um ponto de vista específico, o que torna a definição apontada no último parágrafo de caráter não normativo. A história como história da relação indivíduo-sociedade surgiu em uma analogia presente no texto *A moldura: Um ensaio estético* (1902), em que ele formulou o conceito de moldura como o ente que apresentaria a fronteira entre o mundo externo e a obra de arte, possibilitando a unicidade e a integridade da obra de arte como um ser em si mesmo. A moldura é, então, intermediadora de uma situação-limite sempre presente, posição análoga à história. A história intermedia a relação do indivíduo com a sociedade:

É óbvio que a moldura precisa de uma sutil ponderação de avançar e recuar, de energias e de retardações, quando deve resolver na visão (*Anschauung*) a tarefa de intermediar entre a obra de arte e o seu ambiente, ligando e separando – tarefa com uma analogia na história, para cuja solução trituram-se, mutuamente, indivíduo e sociedade.²⁶

Nesse trecho, Simmel racionalizou e deu vazão a uma das possibilidades de entendimento do processo histórico, o que ele pensava ser um exercício intelectual cada vez mais comum em seu tempo. Na modernidade, o movimento histórico é alvo de profundas investigações. Examinado meticulosamente, surgia a tendência de identificar as leis e o sentido da história, entendida como uma realidade exterior e objetiva. A atividade de análise minuciosa da história, então, faz parte da crescente racionalização do mundo e da observação crítica e distanciada do sujeito moderno perante aquilo que vivencia. Ao ser identificada enquanto objeto, a história passou a ser um campo de estudos e um dos temas centrais da filosofia, um problema filosófico de primeira ordem do qual Simmel, como filósofo e analista da modernidade, não poderia deixar de se debruçar.

²⁶ SIMMEL, Georg. *A moldura: Um ensaio estético*. In.: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 2014, p. 126.

1.2. Um problema filosófico.

O século XIX era um tempo dominado pela crença no progresso e na ciência. As ciências naturais, especialmente, se destacavam como áreas que poderiam construir afirmações precisas e universalizáveis. Seu caráter científico, assim, tornava-se inquestionável. Alguns acadêmicos chegaram até mesmo a defender que o modelo das ciências naturais era o modelo científico por excelência e que, sendo assim, as humanidades, ou ciências do espírito, deveriam seguir uma metodologia próxima à metodologia das ciências naturais.²⁷

A história, nesse período, se consolidava como um sério campo do conhecimento dentro das academias alemãs. Foi no início do oitocentos, por exemplo, que a disciplina da história se tornou autônoma, quando se desvinculou da teologia e do direito na Universidade de Berlim²⁸. Atentos ao processo de profissionalização e disciplinarização, os historiadores buscavam garantir e fundamentar a ideia de que o conhecimento histórico era possível e legítimo. Niebuhr e Ranke, para citar alguns dos principais defensores da cientificidade da disciplina da história desse momento, foram importantes divulgadores de um método historiográfico que, em tese, tornava possível um estudo objetivo do passado.

Para que uma disciplina fosse reconhecida, era necessário que demonstrasse sua validade através de fundamentações epistemológicas e metodológicas sólidas. No ambiente acadêmico, por sua vez, muito se desconfiava das condições da história para se legitimar como uma verdadeira ciência, principalmente entre os filósofos. Esses também tomavam a história como um objeto de estudos e se preocupavam com a dimensão ontológica do fenômeno histórico, buscando conceber a sua natureza e sentido, e com a dimensão epistemológica, buscando averiguar a possibilidade do seu conhecimento.

Simmel esteve completamente a par dessas discussões. Ele não apenas se interessava pelo assunto, como produziu diversos textos no que concerne a essa

²⁷ MEGILL, Allan. Teoria da história CA. 1870-1940: Objetividade e antinomias da história em um tempo de crise existencial. In.: MALERBA, Jurandir (Org.) *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 16.

²⁸ BEISER, Frederick C. *Depois de Hegel: A filosofia alemã de 1840 a 1900*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017, p. 148.

temática. Como filósofo, sua dedicação ao tema foi tamanha que perdurou durante toda sua trajetória acadêmica. Ele nunca deixou de se preocupar e escrever acerca da história, sendo a filosofia da história o “tema *par excellence* da filosofia universitária alemã no período que vai, grosso modo, da morte de Hegel ao final da Primeira Guerra”²⁹.

Em suas elaborações teóricas, Simmel pretendia tornar os historiadores conscientes de sua própria prática. Em 1892, no início de sua carreira, ele publicou a primeira edição do livro *Os Problemas da Filosofia da História*, que seria ainda reeditado em 1905 e em 1907. Além de *Os problemas*, como a partir daqui passarei a chamar a obra supracitada, Simmel publicou três ensaios que abordavam o tema da história, sendo eles *O problema do tempo histórico* (1916), *A natureza da compreensão histórica* (1918) e *A forma da história* (1918), publicados em seus últimos dois anos de vida, os quais compõem o que chamarei de *Ensaaios sobre teoria da história*³⁰.

Para Simmel, a realidade era uma desordem, um caos. São os sujeitos que podem encapsular alguns aspectos da realidade em formas diversas que os tornam passíveis de inteligibilidade. Um conhecimento calcado em premissas realistas não é possível. Por isso, o conhecimento da história é parcial e atravessado por perspectivas que permitem a observação e a análise de um fragmento do passado, um aspecto específico de uma realidade extremamente complexa e inesgotável. Repetidas vezes, ele se opôs à célebre frase de Ranke em que o historiador alemão dizia ser seu desejo mostrar como “o passado realmente aconteceu”. Do ponto de vista simmeliano, porém, é impossível representar o passado de maneira realista.

A história, ao contrário do que o realismo pressupõe, é produto do contato do historiador com os vestígios do passado. Seus pressupostos e princípios são determinantes para a compreensão dos eventos históricos que analisa. O historiador é o indivíduo que dá forma ao passado, aquele que seleciona os fragmentos que serão articulados para formar uma imagem coerente do processo histórico. O historiador é participante ativo da historiografia que produz. Ele não acessa o passado de forma direta e também não consegue compreender o passado de maneira a ser completamente isento,

²⁹ WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, p. 63.

³⁰ Esse é o nome que a compilação dos ensaios recebeu em português.

pois a história é produto da “forma da alma do historiador”³¹, de seus questionamentos e de sua sensibilidade.

Entretanto, a teoria da história simmeliana não pode ser sistematizada em um modelo coerente e uniforme. Simmel modificou variadas vezes os seus pressupostos teóricos, devido, principalmente, às mudanças de seu entendimento sobre o processo interpretativo. Em outras palavras, ele formulou sua hermenêutica de maneiras distintas em momentos diferentes de sua trajetória acadêmica, o que o levou a produzir textos com perspectivas conflitantes. Entre esses escritos, há diferenças substanciais. Para compreendê-las, faz-se necessário uma análise minuciosa.

³¹ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofía de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, p. 76.

2. Os Problemas da Filosofia da História.

Os Problemas da Filosofia da História foi o primeiro texto de sistematização das reflexões simmelianas acerca da história. A “filosofia da história” aparece no título como um termo guarda-chuva que se refere tanto a questões de ordem epistemológica, quanto a questões de ordem ontológica. Simmel partiu do pressuposto que uma série de aspectos estavam mal resolvidos nesse campo da reflexão filosófica e foi seu intuito apresentar quais pontos ainda mereceriam maior desenvolvimento. Assim, não foi sua intenção formular uma teoria que apresentasse respostas a todos esses problemas, mas, na realidade, torná-los visíveis.

Boa parte dos desafios da filosofia da história estabelecidos por Simmel em seu trabalho resultou de sua leitura crítica da historiografia da época. No seu texto, encontra-se referências a uma série de obras de historiadores para fundamentar suas argumentações e questionamentos, como *História da Revolução de 1789-1795*, de Heinrich von Sybel, *História de Roma*, de Theodor Mommsen e *A Cultura do Renascimento na Itália*, de Jacob Burckhardt³². Dois desses autores, vale lembrar, foram seus professores. Todavia, não foi apenas por meio da observação do estado de coisas da historiografia que Simmel formulou suas questões, pois é perceptível também a sua leitura de teóricos/filósofos da história, apesar de não os citar diretamente.

A primeira edição de *Os Problemas* foi publicada em 1892. Após uma década, em 1905, Simmel publicou uma segunda edição. Essa deve ser entendida como um novo livro, como o próprio autor o considerou. A primeira versão do texto não contava com uma proposta teórica concreta e não se apresentava sistemática o bastante³³. “Simmel admitiu que quando ele publicou a primeira edição do ensaio, o ‘problema

³² SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofia de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, pp. 22; 37.

³³ A sistematização era de grande importância para o Simmel de início de carreira. Isso decorria do seu desejo de ser legitimado por seus pares. “Os livros de Simmel que poderíamos nomear “sistemáticos” são *Die Probleme der Geschichtsphilosophie, Über sociale Differenzierung e Einleitung in der Moralwissenschaft*. São livros do jovem Simmel. Poderia-se dizer que são livros escritos em um período no qual Simmel ainda tinha esperanças de ser assimilado no meio universitário e por isso escreveu no estilo científico padronizado e aceito da época e do *millieu*.” WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, p. 62.

básico’ do livro ainda não era suficientemente claro para ele”³⁴. Foi na reelaboração do escrito que ele pôde deixar evidente que sua proposta era se posicionar de forma contrária ao que definiu como realismo histórico. Em 1907, foi publicada a terceira edição de seu texto, acrescida de apenas algumas notas de rodapé e “correções estilísticas”³⁵.

O realismo histórico, tal como compreendido por Simmel na segunda edição do livro³⁶, poderia ser sintetizado na máxima de Ranke, repetida à exaustão nos textos simmelianos, “apenas mostrar o que realmente aconteceu”³⁷. Essa frase seria fruto da presunção ingênua do historiador de acreditar que acessa diretamente o passado e que tem o poder de representá-lo fielmente. Para Simmel, essa tese pode ser refutada por quatro motivos: (1) a realidade é extremamente complexa e caótica (todos os seus aspectos não podem ser captados em um só olhar); (2) como representação, a história poderia ser apenas uma “tradução da realidade” e não sua cópia fiel; (3) a representação sempre é seletiva e dispõe os elementos escolhidos em um estilo específico; (4) não há um único critério de verdade da história, pois cada campo da historiografia define o seu próprio parâmetro de verdade, o qual atende as suas necessidades internas³⁸.

A passagem do fenômeno da vida para a história, que será um dos enfoques principais da teoria da história simmeliana de cunho vitalista, surge também como um ponto de ataque ao realismo histórico. Simmel afirmava que há na história a necessidade de um conceito unificador para que essa seja realizável. Esse é um conceito geral e abstrato que concentra o aspecto da realidade que o historiador irá fundamentar a sua pesquisa, um fio condutor da seleção dos conteúdos do passado, aspecto que não é separado e delineado na vida vivida e contínua. É apenas através de um conceito unificador que o historiador pode atribuir significação e produzir uma síntese. Além disso, o historiador sempre realiza recortes, seleciona, suprime e acentua alguns

³⁴ OAKES, Guy. Introduction: Simmel’s Problematic. In.: SIMMEL, Georg. *The Problems of the Philosophy of History: An Epistemological Essay*. New York: The Free Press, 1977, p. 5. Tradução livre.

³⁵ BEISER, Frederick. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011, n.p.

³⁶ O presente capítulo é inteiramente baseado na segunda edição de *Os Problemas*, sendo essa a única edição traduzida ao espanhol.

³⁷ É sabido que a frase de Ranke fora muitas vezes mal interpretada e deslocada de seu contexto. Para uma melhor compreensão da sentença, indico o texto de apresentação de Ranke no livro *Os historiadores clássicos da história*. Ver: ARAÚJO, André de Melo. Leopold von Ranke (1795-1886). In.: PARADA, Maurício (Org.). *Os historiadores clássicos da história, vol. 2: de Tocqueville a Thompson*. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2013.

³⁸ OAKES, Guy. Introduction: Simmel’s Problematic, pp. 11-15.

elementos que são importantes para atingir a formulação de um todo coerente, que, por sua vez, nunca engloba a totalidade da realidade.

Outro fator que impossibilita a existência de uma representação histórica absoluta é o fato de que os fenômenos do passado podem ser entendidos de múltiplas formas. Ao fim e ao cabo, uma representação é legítima pelo atendimento às exigências internas e às normas metódicas da área em que ela está inserida. O julgamento da validade de uma representação histórica diz respeito à análise metodológica crítica e de argumentos objetivos. Os critérios de se avaliar uma produção historiográfica decorre do próprio campo que o conteúdo se insere, não existindo uma formulação metódica específica que verifica se uma representação se aproxima ou não de uma provável verdade³⁹.

Para combater o realismo histórico, Simmel mobilizou a filosofia kantiana. A sua intenção era investigar os pressupostos do conhecimento histórico na mesma medida que Kant foi capaz de investigar os pressupostos do conhecimento da natureza. Para Simmel, era necessário expandir a crítica kantiana para os domínios da história e, de fato, elaborar uma “crítica da razão histórica”, a qual resultaria no estabelecimento dos componentes *apriorísticos* da história e na destruição da ingenuidade dos historiadores realistas⁴⁰. Entretanto, a apropriação simmeliana da filosofia crítica de Kant modificava alguns de seus aspectos centrais.

Simmel, sintonizado com Dilthey, não acreditava que existia *a priori* absolutos. Os *a priori*, em sua análise, são “irreduzivelmente históricos e constituídos subjetivamente”⁴¹. Além disso, Simmel não concordava com a divisão kantiana entre *a priori* e *a posteriori* e passou a utilizar uma noção relativista do *a priori*, a qual o entende como uma instância intermediária entre as categorias do conhecimento e a sensibilidade⁴². Apoiado na *Crítica da razão pura*, ele foi capaz de traçar os principais

³⁹ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofia de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, pp. 65-66.

⁴⁰ OAKES, Guy. Introduction: Simmel's Problematic. In.: SIMMEL, Georg. *The Problems of the Philosophy of History: An Epistemological Essay*. New York: The Free Press, 1977, pp. 16-17.

⁴¹ HULAK, Florence. Science historique et sociologie chez Georg Simmel. *Sociologie et sociétés*, Quebec, v. 44, n. 2, 2012, p. 84. Tradução livre.

⁴² BEISER, Frederick. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011, n.p.

pressupostos da história e observar quais seriam as consequências epistemológicas de tal exame.

2.1. O que significa compreender?

Na teoria da história simmeliana, o objeto da história é “o representar, o querer e o sentir de personalidades, [...] seus objetos também são almas”⁴³. Os fenômenos históricos procedem de movimentos psíquicos e, concomitantemente, os provocam. Na história, diferentemente das ciências naturais, o sujeito investigador e o objeto investigado apresentam uma similaridade peculiar: ambos são espíritos. O conhecimento histórico, dessa forma, é sustentado por um tipo diferente de relação sujeito-objeto característico das ciências da natureza, pois o conhecimento de sujeitos não se assemelha ao conhecimento de um objeto. Conhecer um sujeito pressupõe a sua compreensão e, por essa razão, a atividade historiográfica se assenta na atividade compreensiva.

A compreensão aqui se refere à apreensão de um outro e de suas expressões comunicativas, que podem ser realizadas por meio do corpo, de produções artísticas, textos literários e assim por diante. Esse outro compartilha a mesma natureza daquele que busca compreender. Compreensão, dessa forma, se desvincula de entendimento. É possível entender objetos sem intencionalidade racional, mas não os compreender. Os objetos da história, por sua vez, são sujeitos e só são entendidos a partir da compreensão, que se torna o principal sustentáculo epistemológico da historiografia. A compreensão é, em Simmel, a principal ferramenta da atividade do historiador, como sustenta Frédéric Vandenberghe:

Simmel conclui que o objeto da história é o sujeito, que os indivíduos, que podem igualmente ser, de resto, indivíduos coletivos (“os italianos”, “Florença”. “a Itália” etc), são o objeto da história. Consequentemente, ele define a tarefa do historiador em termos de compreensão (*Verstehen*) dos conteúdos psíquicos dos indivíduos.⁴⁴

⁴³ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofía de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, p. 13. Tradução livre.

⁴⁴ VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 66.

Entretanto, a compreensão não é uma prática específica do exercício científico. Compreender é indispensável na vida cotidiana humana. “Estes pressupostos da vida diária se dão mais completos e com maior intensidade, que em qualquer outra ciência, na investigação histórica, que os acolhe sem nenhum exame ou método”⁴⁵. O poder de agência dos sujeitos subjaz à existência da compreensão. É necessário que o indivíduo compreenda o outro com o qual interage para poder agir no mundo. Logo, os princípios da compreensão podem ser rastreados em sua prática ordinária.

Ao analisar o processo compreensivo, Simmel percebeu duas características centrais. A primeira é que a compreensão se constrói a partir da correspondência entre as expressões exteriores de alguém e o seu interior psíquico. É pressuposto que o outro seja motivado psicologicamente, isso é, que a sua ação (exterior) seja envolta por emoções, desejos, propósitos, interesses e pensamentos (interior). A segunda característica se refere à pressuposição de que o outro se compõe como uma personalidade única, uma unidade coerente, mesmo quando suas atitudes parecem conflituosas. Esse outro é entendido por meio da análise de seu comportamento aliado às inferências necessárias de ordem psicológica, que dão acesso à sua personalidade, ou melhor dito, ao seu caráter.⁴⁶

Esse caráter é, basicamente, uma imagem totalizante de um indivíduo ou grupo construída ao redor do que se entende como sua essência, aquilo que o define internamente e conjuga/concilia os seus mais diversos comportamentos. Na construção do caráter, realizado por meio de uma “lei de sentido”⁴⁷, pressupõe-se de antemão uma imagem inicial hipotética. Após a análise das ações do outro, pode-se confirmar ou rejeitar a imagem inicialmente formulada. O caráter surge como aquilo que legitima a atuação do outro e torna compreensível a sua forma de ser e agir, sendo assim um pressuposto metodológico necessário da prática historiográfica:

O nexa anímico, a margem de divergência, a complementação dos múltiplos momentos de uma imagem total, em suma, aquilo que chamamos unidade da personalidade – individual ou social – é evidentemente um pressuposto metódico sem o qual não se chegaria a

⁴⁵ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofía de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, p. 22. Tradução livre.

⁴⁶ *Ibidem*, pp. 33-38.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 51.

compreender e ordenar unitariamente os dados históricos. É um *a priori* necessário para se fazer história.⁴⁸

Dessa maneira, a compreensão se apoia em uma certa intuição. O outro é entendido como radicalmente diferente do eu. O outro é um não-eu. Paradoxalmente, sabe-se que o outro é uma construção que pertence parcialmente ao eu. De qualquer forma, é necessário transpor o suposto estado psíquico do outro no eu, entendendo-o como um estranho, o que possibilita a atribuição de significado às suas atitudes. Dessa forma, aquele que compreende não é um mero receptor, pois manipula o material empírico através de seus próprios códigos de compreensão. A compreensão, assim, não se verifica na utilização de leis psicológicas universais. Não é possível construir um esquema lógico em que as expressões comunicativas humanas possam se referir diretamente a um estado emocional. Mesmo que haja a possibilidade de leis psíquicas particulares, que dizem respeito ao funcionamento individual da psique, elas não são universalmente válidas.

Especificamente, o historiador busca sentido nas ações dos sujeitos do passado a partir da avaliação de seu contexto, das estratégias traçadas, mesmo quando inconscientes, e das reações psíquicas possíveis envolvidas em um determinado fenômeno. Entretanto, ele não tem acesso direto às expressões exteriores dos sujeitos investigados como ocorre na vida vivida. Sua via de contato com os indivíduos do passado se dá por meio de materiais remanescentes, muitos dos quais de natureza textual. Esses materiais, por sua vez, apresentam em seu interior uma rede de significados mobilizados para interpretar os fenômenos que aborda. A documentação é, dessa forma, um semiproduto historiográfico, que precisa, necessariamente, ser analisado através de conceitos e de categorias próprias da história para que, assim, encontre um sentido histórico. Os vestígios já são “contaminados” por um certo ponto de vista:

O conhecimento histórico encontra sua matéria – o acontecer momentâneo como tal; o significado puramente objetivo e intemporal do vivido, a consciência subjetiva dos que atuam – como uma espécie de semi-produto em que já foram utilizadas as formas apriorísticas da intuição. As categorias graças às quais a partir dessa matéria se realiza a história já existem em estado incipiente ou em aplicações

⁴⁸ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofía de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, p. 38. Tradução livre.

modificadas e não se opõem a ela com a mesma decisão que a categoria de causalidade à série exclusivamente temporal. [...] a necessidade da história muitas vezes exigirá uma acentuação, sistematização, um aperfeiçoamento lógico do que o objeto historicamente não elaborado já contém em si.⁴⁹

É ofício do historiador dar forma aos dados que consegue capturar para que construa uma representação dos personagens históricos e do passado em si mesmo, ambos elementos entendidos como fenômenos únicos e irrepetíveis, características da própria representação. Assim, a atividade historiográfica é marcada por uma forte subjetividade. Suprimi-la incorreria na supressão da própria história. A vivência, a posição social e os princípios morais do historiador são alguns dos fatores que influenciam a forma pela qual ele interpreta os fenômenos passados. A explicação histórica necessita dos “pressupostos dogmáticos ou instintivos dos intérpretes”⁵⁰. É a partir de sua subjetividade que se é possível representar uma outra época e outros sujeitos e são as categorias de análise determinadas pelo historiador que tornam o seu estudo objetivo. Subjetividade, dessa maneira, não significa arbitrariedade, da mesma forma que objetividade não significa realismo representativo.

Simmel também enfatizava que não é necessário ter exatamente a mesma experiência empírica e psíquica do sujeito investigado para que o historiador seja capaz de o compreender. A compreensão é em boa parte uma projeção, um processo representacional. Não se é o outro ou não se insere no outro para que o compreenda. A síntese imaginativa e a fantasia, nesse sentido, exercem uma importância central. Apesar de dizer que “aquele que nunca amou nunca compreenderá o amante”⁵¹, posteriormente, Simmel remodelará essa tese com sua hipótese evolucionista da sensibilidade do ato compreensivo. Basicamente, ele passaria a dizer que os indivíduos são conectados com seus antepassados e que, por esse motivo, é possível se sentir como os sujeitos de outros tempos, enfatizando que a sensibilidade não surge, necessariamente, apenas da vivência pessoal e individual.

⁴⁹ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofía de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, pp. 38-39. Tradução livre

⁵⁰ *Ibidem*, p. 32. Tradução livre.

⁵¹ *Ibidem*, p. 43.

2.2. A hermenêutica psicológica.

Heinrich Rickert foi uma importante figura no desenvolvimento das reflexões simmelianas acerca da história, pois foi um comentador direto da segunda edição de *Os Problemas* quando da sua elaboração. A partir de suas ponderações, Simmel passou a dar grande ênfase à figura do historiador na produção do conhecimento histórico⁵², sendo entendido como aquele que tem o poder de selecionar os elementos do passado para formular uma imagem de uma época ou de personagens históricos. Também é o historiador que define os problemas e o ponto de vista por meio dos quais o objeto será observado. Por fim, seus valores exercem forte influência na interpretação dos eventos históricos que investiga.⁵³ Dessa forma, o passado é uma construção do historiador.

Diversas foram as cartas trocadas entre Rickert e Simmel. Em uma dessas correspondências, o segundo relatou o forte desejo de superar o psicologismo existente em sua preliminar teoria da história. O dito “psicologismo”, presente em certas concepções hermenêuticas, pode ser interpretado como a confiança na reconstituição dos processos psíquicos de um indivíduo para a correta compreensão de sua obra e de seu ser, o que possibilitaria o alcance da suposta intenção autoral originária. No processo de reescrita de *Os Problemas*, várias obras que elaboravam críticas ao psicologismo foram publicadas por importantes filósofos, como o próprio Heinrich Rickert, Edmund Husserl e Wilhelm Dilthey. “Simmel começou a levar em conta esses desenvolvimentos”.⁵⁴

Para Simmel, a partir de então, o entendimento do outro deixou de estar relacionado à (re)experiência psíquica exata dos sujeitos que se busca compreender. Apesar da possibilidade e necessidade de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo, nunca será possível ter a sua vivência. Simmel acreditava que o exercício de pensar como um outro é um importante instrumento da atividade compreensiva, mas está limitado a essa função. Aqui, não há a possibilidade de penetrar em uma psique específica. O que é possível é apenas exercitar a capacidade de se imaginar em uma

⁵² HULAK, Florence. Science historique et sociologie chez Georg Simmel. *Sociologie et sociétés*, Quebec, v. 44, n. 2, 2012, p. 82.

⁵³ SIMMEL, Georg. *Problemas de Filosofía de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, [1905] 1950, p. 30.

⁵⁴ BEISER, Frederick. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011, n.p. Tradução livre.

outra situação e legitimizar a ação do outro com inferências de ordem psicológica, sendo essa “reconstrução de estados psicológicos vividos por um ator histórico” entendido como “uma ferramenta heurística nas mãos do historiador”⁵⁵.

É evidente a presença da psicologia na teoria da compreensão de Simmel. Sua primeira hermenêutica é, de fato, psicológica, mas tenta fugir do psicologismo. Além disso, ele se atentou ao fato da compreensão histórica ser realizada no presente, enquanto a vivência daqueles que produziram os eventos históricos se referirem a um passado inacessível diretamente. A atividade compreensiva do historiador é sempre vinculada ao momento de sua atividade⁵⁶ e não há como entrar em contato com o passado de forma neutra. O presente condiciona o olhar retrospectivo.

Um aprofundamento dessa observação levou Simmel a enfatizar que o sentido dos eventos pretéritos é atribuído pelo historiador. Essa é uma ideia que desmonta a convicção de que haveria um sentido inerente aos acontecimentos históricos, o qual deveria ser desvendado⁵⁷. Simmel, por outro lado, acreditava que o sentido não está inscrito nas ações humanas, e, sim, que ele é apontado subjetivamente. Aquele que pesquisa a história tem a capacidade de atribuir significado aos processos psíquicos de sujeitos do passado e definir o sentido de uma série histórica, a qual não se verifica uma essência ontológica.

Simmel terminou por manter a psicologia como um dos principais *a priori* do conhecimento histórico, apesar de desvinculá-la da crença ingênua da possibilidade de se transpor à mente de outrem. Ele combateu, precisamente, o psicologismo presente na primeira teoria hermenêutica de Dilthey. Como afirma Florence Hulak, “não se pode compreender o passado por empatia, [...] porque toda compreensão é uma reconstrução”⁵⁸. De certo modo, Simmel inseriu uma perspectiva fortemente construtivista ao modelo diltheyano. Sua teoria defendeu um conhecimento histórico centrado na figura do historiador, que é capaz de interpretar as ações dos sujeitos do passado e deduzir um certo caráter que, por sua vez, explica as ações. Esse é um

⁵⁵ SENEDA, Marcos César. Simmel e a hipótese da compreensão como reconstrução de processos psíquicos no conhecimento histórico. *Veritas*, Porto Alegre, v. 63, n. 3, 2018, p. 1082.

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 1075-1076.

⁵⁷ *Ibidem*, pp. 1076-1077.

⁵⁸ HULAK, Florence. Science historique et sociologie chez Georg Simmel. *Sociologie et sociétés*, Quebec, v. 44, n. 2, 2012, p. 79. Tradução livre.

movimento de circularidade entre parte (ação) e todo (caráter) tradicionalmente característico da hermenêutica.

Por fim, a teoria da compreensão presente em *Os Problemas* foi aqui definida como hermenêutica psicológica porque Simmel centrou a sua elaboração teórica em termos fortemente psicológicos. Ele defendia que a compreensão ocorre por meio de uma possível projeção/representação do outro no eu. Entretanto, essa projeção é sempre atravessada pelos elementos constitutivos do eu. São os *a priori* psicológicos que tornam a história realizável: a pressuposição da relação entre atos externos e fenômenos internos e a ideia de uma totalidade do outro envolto em um caráter específico.

3. Ensaio sobre teoria da história.

Simmel pretendia escrever uma quarta edição de *Os Problemas*⁵⁹, na qual apresentaria um deslocamento de perspectiva em relação às edições anteriores. O livro, entretanto, nunca chegou a existir. Atacado por um câncer de fígado, que o levou à morte em 1918, ele conseguiu produzir apenas alguns ensaios a respeito da história, publicados nos últimos dois anos de sua vida, nos quais podemos perceber um refinamento de sua teoria do processo interpretativo. Nesse momento final de sua carreira, Simmel esboçou uma crítica ferrenha ao entendimento da compreensão por meio de fórmulas mecanicistas de matriz psicológica.

Para se opor a essa concepção, ele encontrou no vitalismo a fonte filosófica para desenvolver a reformulação de sua teoria hermenêutica⁶⁰. O vitalismo, aqui concebido como sinônimo de filosofia da vida [*Lebensphilosophie*], foi a tendência filosófica de meados da década de 20 do século passado que propôs “uma metafísica do irracional que encontra seu ponto de partida e de ancoragem em uma reflexão da vida sobre a vida, compreendida como movimento cego de pulsões e de profundezas que experimentamos de maneira imediata”⁶¹. Ao se aliar ao vitalismo, Simmel formulou que o historiador, por abordar os fenômenos da vida transformando-os em um conteúdo intelectual, devia respeitar o caráter de fluidez, dinamicidade e continuidade dos elementos vitais.

A história só é compreendida se incorporar as próprias características da vida, pois “[a] vida só pode ser compreendida pela vida. Ela se decompõe em estratos, dos quais um permite compreender outro e, pela interação recíproca, proclamam sua unidade”⁶². Produzir continuidade e coerência deve, então, ser um fundamento do exercício historiográfico. O passado foi vivido, sentido e experienciado, mas não mais existe como fenômeno e, assim, perdeu as características essenciais da vida. Ele é constituído de vestígios, que chegam até o presente de forma descontínua e

⁵⁹ OAKES, Guy. Introduction. In.: SIMMEL, Georg. *Essays on Interpretation in Social Science*. Manchester: Manchester University Press, 1980, p. 7.

⁶⁰ DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2017, p. 40.

⁶¹ VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 77.

⁶² SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica. In.: *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 54.

desordenada. É papel do historiador tomar esses elementos e colocá-los na forma da história, a partir de suas condições *apriorísticas*. A história é, assim, a forma que mais se aproxima da dinâmica da vida, pois recupera o seu caráter ininterrupto e coeso.

Esse caráter vivo das formulações históricas é ameaçado, paradoxalmente, pela maior quantidade de detalhes em que um processo é descrito. Quanto mais uma narrativa é detalhada, menor o poder de definir o seu sentido. O objetivo da história é então conciliar o sentido amplo de um processo com os detalhes concretos que constituem a cadeia de elementos que se analisa. O perigo do historiador é acreditar na possibilidade de representar fielmente um período remoto, o que pode o levar a um atomismo ingênuo. A intenção da história não é reproduzir a realidade passada, mas sim dar uma forma que faça com que esse passado seja inteligível. Caso o historiador dedique sua atividade ao estabelecimento de cada detalhe que constitui um fenômeno, ele corre o sério risco de escrever uma história que perde sua razão de ser, que não indique um sentido global do fenômeno analisado, pois, como bem observa Pedro Caldas:

Ao tentar agarrar a vida em sua expressão imediata e direta, caímos em uma fragmentação excessiva, causada pela especialização. [...] Fatalmente, perde-se-á a noção de continuidade. Mas, por outro lado, se reduzo [um evento histórico] a um significado geral, a um sentido, tendo a perder a noção da realidade, da experiência concreta de cada ser humano envolvido no conflito.⁶³

De tal maneira, a passagem da experiência vivida para o formato da história é de uma ruptura considerável. Enquanto na vida observa-se o mundo de maneira homogênea e coesa, os acontecimentos quando analisados pelo historiador se mostram desarticulados e fragmentados. É apenas pela utilização de um certo conceito, fruto da abstração do fenômeno, que é possível unir os elementos do passado. “O procedimento decisivo da história é a divisão e distribuição dos conteúdos, a partir de uma forma de experiência vivida, em sínteses lineares subordinadas a um conceito”⁶⁴. O historiador, então, analisa um certo fenômeno por meio de um conceito específico. Sua história é sempre a história “de algo”. Na história, os elementos são colocados em uma sequência,

⁶³ CALDAS, Pedro Spinola. Da essência da compreensão histórica, de Georg Simmel: Um estudo introdutório. In.: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história: Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 235.

⁶⁴ SIMMEL, Georg. A forma da história. In.: *Ensaios sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 61.

na qual, por meio da relação e posicionamento de uns com os outros, os componentes dessa série se tornam compreensíveis:

A história isola séries singulares, rejeita a totalidade da vida, na qual cada uma dessas séries está inserida e cria a ficção de uma vida cujos conteúdos estariam alinhados pelo fio de um único conceito, ao passo que a vida real resulta de inúmeras séries interrompidas que provocam retornos e antecipações incessantes.⁶⁵

O segundo ponto que faz parte da transição do acontecimento para a forma da história é a construção de uma totalidade compreensível. As diversas lacunas presentes entre os elementos do passado são um empecilho para tal totalidade, que é, por sua vez, necessária para a história. Essas totalidades são produzidas através de duas atividades do historiador: a observação do conteúdo a partir de um ponto de vista específico e a escolha deliberada dos elementos que analisará. O primeiro se refere ao aspecto ou componente do fenômeno que será o objeto de estudo do historiador. Deve-se ter um ponto de vista específico para que se possa realizar uma investigação coerente. Não se é possível abordar tudo acerca de um período, sendo essa uma pretensão ingênua que não produzirá bons frutos.⁶⁶ Em relação à escolha dos elementos analisados, Simmel indicava que é preciso que o historiador tenha ciência daquilo que é importante e daquilo que é desimportante para sua pesquisa. Torna-se necessário, então, deixar de escanteio alguns componentes que não são significativos para a sua investigação e concentrar naquilo que favorece a resposta de suas indagações.

Uma terceira diferença entre a experiência vivida e a história é a que a vida se manifesta como um presente carregado de passado, mas direcionado ao futuro. A percepção da vida nos indica uma cadeia de fenômenos consecutivos, em um tempo não reversível que se dirige ao futuro. Cada fenômeno é observado como algo que propiciará algum efeito posterior. “Mesmo os conteúdos de um tempo passado, ainda cobertos pela consciência da experiência presente, são de fato orientados para frente”⁶⁷. A história, por outro lado, examina os eventos passados a partir de suas consequências. Na vida, uma situação é compreendida por aquilo que a antecedeu, enquanto na história se compreende uma situação por aquilo que a sucedeu. A visão retrospectiva da história,

⁶⁵ SIMMEL, Georg. A forma da história. In.: *Ensaios sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 61.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 60.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 87.

inclusive, é o que permite o estabelecimento de marcos específicos que caracterizam a mudança de uma época para outra.⁶⁸

Sendo assim, a análise histórica dos fenômenos pressupõe que a relevância de um evento é definida pelo o que ele pôde gerar. O tempo histórico é, dessa forma, um tempo reversível. “Em sentido inverso à corrente vital que o leva para a frente, a história permanece ligada ao seu lugar e puxa o olhar para trás; mais exatamente, o olhar para trás a constitui como história”.⁶⁹ É por esse motivo que, na teoria da história simmeliana, não faz sentido uma história do tempo presente. É necessário o conhecimento das consequências de um evento para que ele adquira sentido histórico.

Por fim, na experiência da vida, os fenômenos mais diversos ocorrem e, de início, não parecem ter um sentido específico. Porém, assim que esses eventos começam a ser observados por um olhar retrospectivo, se é capaz de definir um determinado “estado” de coisas que unifica esses elementos variados e os dispõe em um modelo coeso. A articulação e a justaposição de diferentes fenômenos de determinado período do passado desencadeiam a percepção de um espírito ou de uma coloração de uma época, que deve ser representada na narrativa histórica. A relação entre os variados acontecimentos e a imagem de uma época é uma relação cíclica. Eles se retroalimentam. Enquanto os eventos fornecem o material para a formulação da imagem de uma época, a imagem, por sua vez, confere inteligibilidade aos eventos singulares⁷⁰.

3.1. *O pensamento em via de compreender.*

A história é uma forma de compreensão entre várias outras. Cada forma articula os componentes da realidade à sua maneira e a torna passível de compreensão, como também se constitui por meio de suas próprias regras e necessidades. Por isso, nem todo conhecimento precisa levar em conta o caráter temporal dos objetos. Há outras maneiras de se entender a realidade que não a histórica. “Cada forma tem seus próprios modos definitivos e sua própria linguagem característica. Cada forma produz uma

⁶⁸ SIMMEL, Georg. A forma da história. In.: *Ensaios sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 92.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 88.

⁷⁰ *Ibidem*, pp. 102-103.

representação do mundo que é única para a própria forma”⁷¹. A história, assim, tem os seus próprios critérios e fundamentos, que são intrínsecos à sua existência.

Para Simmel, existiam dois modos básicos de compreensão: o primeiro é a compreensão imanente e o segundo, a compreensão histórica. Essas não são configurações opostas e inconciliáveis, já que a história necessariamente tem como princípio a compreensão imanente dos elementos que investiga. A compreensão imanente é caracterizada pela desconsideração do caráter temporal do objeto, que é analisado por meio de seus componentes internos e seu significado vai além do contexto em que foi produzido. Ela não se interessa pelos motivos e intenções que levaram à criação do objeto e ocorre, por exemplo, quando interpretamos o conteúdo de um livro sem conhecer o cenário de sua elaboração. O significado do texto se revelará pelos seus próprios elementos constitutivos, ou seja, pelo seu conteúdo ideal:

Parece paradoxal que a compreensão seja algo atemporal e nada tenha a ver com a realidade histórica como tal. [...] A compreensão – isto é, o fato de percebermos a coerência de um conjunto de elementos – refere-se exclusivamente ao conteúdo ideal. Ela ocorre quando encontramos esse conteúdo, que nasce na realidade ou na imaginação, no presente ou no passado. [...] só compreendo dessa realidade os conteúdos que dela consigo abstrair idealmente.⁷²

A compreensão histórica, por sua vez, posiciona os elementos no tempo e os busca compreender por meio das relações que articularam em uma determinada escala cronológica. Reitero que, enquanto a compreensão imanente é independente da compreensão histórica, o contrário não se sustenta. Para que possamos relacionar os conteúdos em uma perspectiva temporal, é necessário de antemão os compreender por si próprios. Só é possível observar mudanças de um estado de coisas para outro se se reconhece a configuração interna de cada um. Assim, a compreensão imanente é condição para a compreensão histórica. A título de esclarecimento, é possível pensar na história da filosofia. Para que um sujeito possa, por exemplo, compreender a filosofia kantiana historicamente, é preciso de antemão que ele compreenda a filosofia de Kant a partir de sua própria estrutura interna. Apenas posteriormente ele poderá investigar

⁷¹ OAKES, Guy. Introduction. In.: SIMMEL, Georg. *Essays on Interpretation in Social Science*. Manchester: Manchester University Press, 1980, p. 11. Tradução livre.

⁷² SIMMEL, Georg. O problema do tempo histórico. In.: *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1916] 2011, pp. 10-11.

como os elementos da filosofia kantiana se relacionam com as filosofias que a antecederam e terá condição para situar Kant em seu contexto histórico.

Outro aspecto importante da compreensão imanente é a sua pluralidade possível, que não se verifica na compreensão histórica. A compreensão imanente varia de acordo com os fundamentos e os princípios teóricos levados em conta no exercício da interpretação. Seja a leitura de um texto literário realizada a partir de uma perspectiva marxista ou de uma perspectiva liberal, ambas as interpretações podem ser validadas enquanto possibilidades de análise do texto. Já em relação à compreensão histórica, duas declarações opostas acerca das intenções que levaram um filósofo a escrever um livro não podem se sustentar. Uma das duas deve estar equivocada. Isso porque a história se refere a processos que ocorreram de uma maneira específica.

Apesar de suas peculiaridades, a compreensão imanente e a compreensão histórica são, antes de tudo, reflexos de uma necessidade da vida. É através da compreensão que podemos agir no mundo. Compreender é algo que todos realizam, é uma prática ordinária. É da necessidade existencial que surge a compreensão, em especial a compreensão histórica, pois é preciso compreender o passado para agir no presente. As bases da compreensão histórica estão disponíveis na atividade de compreensão do cotidiano. Na atividade do historiador, as formas de compreensão práticas presentes no dia a dia são centrais. O historiador retira delas seu caráter utilitarista e as tornam ferramentas para o exercício do conhecimento desinteressado e científico. Esse ponto é inicialmente desenvolvido *n'Os Problemas*, mas *n'Os Ensaios* adquire maior consistência e fundamentação:

A história aparece como ciência assim que tais categorias se libertam dessa função utilitária e constroem por si mesmas as imagens da vida passada, usufruindo da liberdade típica que nasce da curiosidade teórica e tendo um novo cuidado com sua completude e seu valor próprio. Somos sempre os historiadores embrionários de nós mesmos.⁷³

Simmel entendia, então, que o processo hermenêutico do historiador é realizado em um formato pré-científico no cotidiano. Ele definia que são três os tipos de relações

⁷³ SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica. In.: *Ensaios sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 28.

possíveis entre o fenômeno em si e o “pensamento em via de compreender”⁷⁴. O primeiro deles é a compreensão empírica⁷⁵, que se funda na compreensão das expressões do outro que me chegam “aos cinco sentidos”⁷⁶. Esse tipo de compreensão se refere às expressões exteriores, como gestos, semblante, entonação, e assim por diante. Para compreender o outro, infere-se que essas manifestações exteriores estão intimamente relacionadas com um interior psíquico. Apesar disso, no processo de compreensão esses dois campos estão intimamente ligados. Compreende-se o outro como uma totalidade, a qual é fruto da análise de uma parte que se é apresentada. Assim, quando se observa a ação do outro, cria-se uma imagem totalizante desse sujeito, produzindo uma unidade da qual realmente nunca se tem acesso. Nesse sentido, a compreensão do outro é sempre parcial, pois, apesar do contato limitado a uma pequena parte das expressões desse alguém, de forma paradoxal, a compreensão ocorre como se ele fosse uma unidade não fragmentada.

Pensa-se no outro como um sujeito que tem motivações internas para agir no mundo. É necessária, assim, a criação de um Tu. Esse Tu é um outro que resiste ao próprio Eu. “O Tu não pode ser definido como minha representação da mesma maneira que outro objeto qualquer: sou obrigado a emprestar-lhe um ser-para-si que só sinto em relação ao meu próprio Eu, por oposição a todos os objetos propriamente ditos”⁷⁷. O outro não é um reflexo do que o Eu venha a ser. Simmel buscou, dessa forma, rejeitar a necessidade de identificação entre os indivíduos que se compreendem e argumentava que o compartilhamento de características entre dois indivíduos não os torna automaticamente passíveis de compreender um ao outro.

A compreensão, então, não é mais relacionada a uma equidade psicológica entre os sujeitos envolvidos no processo de compreensão. Para Simmel, não haveria como

⁷⁴ SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica. In.: *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 29. É preciso salientar que, diferentemente da compreensão imanente e da compreensão histórica, Simmel não nomeia os três tipos de compreensão agora analisados. Caldas as denomina como compreensão empírica, compreensão intersubjetiva e compreensão vitalista. De Luca, por outro lado, define-as como compreensão psíquica, compreensão evolutiva e compreensão objetiva. Utilizei a classificação de ambos. Em relação à definição, ambos me forneceram imenso suporte explicativo.

⁷⁵ CALDAS, Pedro Spinola. Da essência da compreensão histórica, de Georg Simmel: Um estudo introdutório. In.: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história: Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 236.

⁷⁶ SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica, p. 29.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 37.

afirmar categoricamente se essa é ou não uma condição da compreensão. Apesar disso, deve existir um limite para que a compreensão se efetive. Não pode existir uma lacuna total entre o ser que compreende e o outro que é compreendido, pois a compreensão exige ao menos um certo compartilhamento de códigos e símbolos entre eles. “Simmel reconhece que a completa diferença entre o sujeito que compreende e o sujeito que é compreendido também impediria a compreensão”⁷⁸.

O segundo tipo de compreensão é a compreensão intersubjetiva⁷⁹. Nela, reconhece-se uma emoção de forma atemporal que, posteriormente, é posicionada em uma situação específica. Pode-se, por exemplo, compreender o ódio como uma emoção abstrata, mas o ódio é compreendido historicamente apenas quando ele é disposto em uma certa circunstância. O Tu, dessa forma, deixa de ser uma unidade imutável. Ele, na realidade, age por meio de situações específicas. As emoções, que primeiro são entendidas como atemporais, passam a se conectar com um contexto que as tornam compreensíveis historicamente. De uma unidade psíquica, o outro passa a ser compreendido quando inserido no fluxo da vida.

Passa-se a compreender historicamente “a realidade psíquica particular” do Tu. Esse tipo de compreensão relaciona o psíquico abstrato e o psíquico contextual e impede que o Tu seja um monolito de respostas mecânicas ao que ocorre no mundo. A compreensão de início atemporal é deslocada para uma compreensão de todo um contexto mais amplo. É necessário, de início, compreender cada situação para depois as posicionar em um quadro histórico maior. Isso porque uma situação não leva necessariamente a outra de forma mecânica. Sendo assim, compreende-se que o sujeito “não é uma substância rígida, mas uma evolução viva”⁸⁰.

Por fim, há a compreensão objetiva⁸¹. Nela, compreende-se um objeto por meio de seus elementos internos, o que possibilita, posteriormente, a inclusão desse objeto em uma série de caráter histórico e temporal. É princípio dessa compreensão o

⁷⁸ DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2017, pp. 42-43.

⁷⁹ CALDAS, Pedro Spinola. Da essência da compreensão histórica, de Georg Simmel: Um estudo introdutório. In.: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história: Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, p. 237.

⁸⁰ SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica. In.: *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 42.

⁸¹ DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*, p. 45.

entendimento que “seria absurdo tentar compreender a natureza das coisas a partir de sua evolução histórica se, de um modo ou de outro, não compreendêssemos essa mesma natureza”⁸². Basicamente, o que Simmel enfatizou nesse tipo de compreensão é a dependência da compreensão imanente para a compreensão histórica. Cada elemento é entendido por seus elementos internos e, posteriormente, são ligados por uma sequência relacional lógica.

O objeto que se pretende compreender historicamente precisa ser colocado em uma ordem evolutiva com sentido e coerência. Os conteúdos formam uma série que constitui “um sujeito ideal, fictício”⁸³, um “sujeito metodológico” que se transforma ao longo do tempo. Esse sujeito não precisa ser um sujeito real, mas pode ser qualquer conteúdo produzido pelo espírito⁸⁴. A arte moderna, por exemplo, é um conceito abstrato que se refere a uma multiplicidade de objetos dispostos em espaços e períodos variados. Compreender a arte moderna a partir da perspectiva histórica é dispor os elementos que a constituem em uma ordem cronológica e evolutiva. De tal forma, “hipostasiamos um conceito auxiliar e criamos um novo sujeito que tem a capacidade, reservada ao que é vivo, de se desenvolver”⁸⁵. Um elemento apoia a compreensão de outro que o segue. Nesse sentido, compreendo a arte moderna historicamente quando entendo a “relação objetiva” que existe entre os seus componentes⁸⁶.

Em síntese, o que Simmel pretendia era rejeitar uma definição psíquica mecanicista da compreensão, que entende que um sujeito compreende o outro por meio do compartilhamento de uma mesma natureza. Ele indicava que há três modos de compreensão pré-científica com limites não muito bem definidos e que são utilizados para o conhecimento científico. A passagem do campo não científico para o campo científico não é bem explicada. Essa “falta de clareza quanto ao campo que está sendo

⁸² SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica. In.: *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, [1918] 2011, p. 47.

⁸³ *Ibidem*, p. 50.

⁸⁴ DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2017, p. 46.

⁸⁵ SIMMEL, Georg. A natureza da compreensão histórica, p. 51.

⁸⁶ DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*, p. 46.

explorado obscurece a delimitação da compreensão científica e seus tipos frente à não-científica. O que parece haver é uma diferença de grau entre elas.”⁸⁷

3.2. A hermenêutica vitalista.

Se “psicologia” é o termo-chave da primeira elaboração hermenêutica de Simmel, o conceito de “vida” assume a centralidade quando da reformulação de sua teoria da compreensão. A nova abordagem é consideravelmente mais profunda e complexa, porque Simmel correlacionou a sua hermenêutica com a sua filosofia da vida, a qual foi desenvolvida na década que antecedeu a sua morte. Maduro intelectualmente, ele foi capaz, nesse momento, de apresentar reflexões sofisticadas sobre o que constitui o indivíduo e sobre a importância do meditar acerca do morrer. Esses *insights* estão disponíveis em seu trabalho, postumamente publicado, chamado *Lebensanschauung: Vier metaphysische Kapitel*, que pode ser traduzido como *Visão da vida: Quatro capítulos metafísicos*.

De fato, como defende Júlian Marías, “o mais profundo do pensamento de Simmel é sua concepção da vida”⁸⁸. Simmel entendia que a vida não é uma substância que paira sobre o ar. Na realidade, ela apenas se manifesta por meio de algo que lhe é alheio. A vida, nunca definida estritamente por Simmel, é próxima de um fenômeno. Ela sempre visa o seu aprimoramento e a criação de mais vida, o que a torna “mais-vida”, como também propicia o surgimento de elementos que se autonomizam, tornando-se “mais-que-vida”⁸⁹. A vida, por seu caráter fenomenológico, é compreendida apenas a partir do próprio viver, o que impede que ela seja esmiuçada por meio de conceitos e do raciocínio lógico. Por conta disso, “Simmel rejeita toda possibilidade de representar a ‘vida propriamente dita’. [...] Pelo contrário, nós podemos experienciar e conhecer a

⁸⁷ DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2017, p. 42.

⁸⁸ MARÍAS, Julián. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 426.

⁸⁹ JALBERT, John E. Time, Death and History in Simmel and Heidegger. *Human Studies*, v. 26, n. 2, 2003, p. 277. Tradução livre.

vida apenas em uma forma individual e real, nunca em sua pura virtualidade, como um fluxo absoluto”⁹⁰.

O material da história advém de aspectos da vida vivida e o historiador é o pesquisador que busca reconstituir a fluidez e a vivacidade que se perdeu em meio aos resquícios do passado. A história é, então, uma disciplina que não consegue cortar completamente o cordão umbilical que a conecta com as vivências dos sujeitos. Ela é “a esfera da realidade, na qual a vida mais explicitamente enfrenta a si mesma e os seus produtos”⁹¹. Entretanto, diferentemente de outras formas de investigação, a vida não pode ser analisada por meio de instrumentos estranhos à própria vida, de tal maneira, que a dimensão racional do intelecto é preterida, enquanto a intuição e a sensibilidade passam a ocupar lugar de destaque. Assim, “Simmel [...] acredita que as categorias que os historiadores utilizam para organizar os eventos e os conteúdos da vida devem ser extraídas da própria intuição da vida”⁹².

A compreensão histórica pode ser definida como uma compreensão de cunho vitalista porque nela o historiador aproximará elementos que estão deslocados do seu mundo histórico-social originário em uma continuidade que permite a inferência de um determinado sentido. Para isso, o historiador inclui os componentes que analisa em uma escala temporal que os tornam suscetíveis de serem compreendidos a partir da análise das relações que estabelecem. Além disso, a compreensão histórica também detém um caráter vitalista por surgir das necessidades inerentes ao próprio viver.

Porém, Simmel não se apropriou totalmente das descobertas que fez em sua filosofia da vida e perdeu a oportunidade de realizar uma reflexão importante. Por meio do seu vitalismo, ele enfatizou o fato do tempo vivenciado não ser o tempo mecânico. O entendimento da temporalidade, a partir do prisma objetivo do relógio, utilizado pelas ciências naturais, é uma abstração que reduz a realidade a uma sequência de instantes, os quais são configurados por relações de causas e efeitos⁹³. Esse não é o tempo

⁹⁰ PYYHTINEN, Olli. Life, Death and Individuation: Simmel on the Problem of Life Itself. *Theory, Culture & Society*, v. 29, n. 7-8, 2012, p. 95. Tradução livre.

⁹¹ STAITI, Andrea. *Husserl's Transcendental Phenomenology: Nature, Spirit and Life*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014, p. 62. Tradução livre.

⁹² JALBERT, John E. Time, Death and History in Simmel and Heidegger. *Human Studies*, v. 26, n. 2, 2003, p. 275

⁹³ *Ibidem*, pp. 266-267.

experienciado na vida vivida, que, por sua vez, é direcionado ao futuro e preenchido de passado, não sendo limitado a um constante presente. O tempo, dessa forma, só faz sentido quando passado, presente e futuro não são esferas desvinculadas e autônomas⁹⁴.

Contudo, para Simmel, havia uma diferença considerável entre a temporalidade da vida e a temporalidade da história: a vida é direcionada ao futuro, enquanto a história se direciona ao passado. Esse entendimento de uma tensão insuperável entre história e vida impediu Simmel de apontar a possibilidade de uma prática historiográfica que não pesquisa o passado pelo mero interesse por esse passado. Ele não imaginou e nem propôs uma historiografia que, como a vida, fosse voltada para o futuro, ou melhor, que se utilizasse do passado com vistas à construção de um outro amanhã. Uma produção que tivesse esse intuito possivelmente seria capaz de exercer uma função formativa e enriquecedora. Simmel, contudo, se limitou a um modelo de história que se utiliza de uma noção de tempo mecânica e linear⁹⁵.

Ademais, a história, em sua concepção, se opõe à vida ao posicionar os componentes da última em uma forma que, ao fim e ao cabo, segue um caminho independente ao se tornar um tipo de conhecimento especializado e desinteressado, quando se desvincula das próprias necessidades da vida. Há, dessa forma, uma dinâmica ambígua entre história e vida⁹⁶. De um lado, elas apresentam uma afinidade inigualável, principalmente quando comparado às outras formas de conhecimento. Por outro, elas apresentam divergências inconciliáveis, pois a vida escapa de qualquer formalização definitiva.

Uma última reflexão que aqui merece destaque é que Simmel, como defendi repetidas vezes neste trabalho, havia demonstrado um forte interesse em diminuir o caráter psicológico de sua hermenêutica. É plausível o argumento de que ele, através do desenvolvimento da noção de compreensão imanente, fundamentou uma compreensão que se apoiou nos próprios objetos culturais e que não precisaria, necessariamente, se preocupar com a reconstrução dos atos e intenções vinculados à formulação de uma

⁹⁴ MARÍAS, Julián. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 427.

⁹⁵ JALBERT, John E. Time, Death and History in Simmel and Heidegger. *Human Studies*, v. 26, n. 2, 2003, pp. 277-279.

⁹⁶ *Ibidem*, pp. 275-276.

obra. Esse tipo de compreensão é o sustentáculo da compreensão histórica. Dessa forma, ele pôde, finalmente, romper com o psicologismo que tanto o assombrou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As origens da presente monografia remontam ao mês de outubro de 2018. Nessa data, participei do X Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia, realizado na Universidade Federal de Ouro Preto. Foi naquele espaço que assisti, pela primeira vez, a debates acalorados a respeito de questões teóricas da história. Recordo-me que, no corredor daquela universidade, um rapaz vendia livros de teoria em sua banquinha improvisada. Com a possibilidade de parcelar em até dez vezes, comprei alguns títulos. Desses, fiquei interessado por um tal *Ensaaios sobre teoria da história*. Mal sabia eu que dali surgiriam perguntas que me levariam a desenvolver o meu trabalho de conclusão de curso.

De início, quis investigar as analogias entre arte e história que Simmel elaborava, ou seja, enfatizar a dimensão estética da historiografia. Porém, abandonei esse projeto quando percebi que seria inevitável escrever muitas páginas para explicar os *a priori* psicológicos inerentes ao ofício do historiador, os quais têm uma relação direta com o papel artístico que esse desempenha em sua atividade. Foi assim que passei a me interessar pelos aspectos psicológicos da historiografia a que Simmel tanto se referia. Foi apenas quando da leitura da introdução do livro de ensaios sobre teoria na sua versão americana, escrito por Guy Oakes, que tomei consciência que estava, na realidade, diante de um problema hermenêutico.

Das informações presentes nessa introdução, busquei formular o meu projeto de pesquisa, o qual disse respeito, obviamente, ao desenvolvimento de uma hermenêutica histórica na teoria ou filosofia da história simmeliana. A minha interpretação se apoiou em dois autores, Guy Oakes, já citado nesta conclusão, e Gabriela De Luca. O primeiro defende que Simmel partiu de uma hermenêutica psicologista em direção a uma hermenêutica cultural, enquanto a segunda afirma que Simmel foi de uma hermenêutica idealista para uma hermenêutica vitalista. Ambos os autores realizam uma bela análise do desenvolvimento da teoria da compreensão simmeliana, mas pouco explicam o que ocasionou a mudança de posicionamento do autor. Minha proposta, então, foi introduzir parcialmente o estado de coisas da discussão hermenêutica no período tratado e identificar a postura de Simmel nesse contexto.

Descobri, lendo principalmente alguns textos acerca da história da hermenêutica, que o psicologismo era considerado por muitos filósofos à época um forte problema das teorias da compreensão e que Simmel esteve atento a essas críticas. Ele, então, buscou formular uma hermenêutica que fugisse do psicologismo, ou seja, de uma abordagem intelectual que pretendesse alcançar a intenção do criador de uma obra para que esta fosse corretamente compreendida. Foi através dessa constatação que percebi que Simmel passou da elaboração de uma hermenêutica psicologista inicial para a confecção de uma hermenêutica vitalista. Justifiquei a utilização dessas categorias ao longo do trabalho.

Por fim, devo dizer que foi um prazer descobrir um autor do qual nunca tinha ouvido falar. Estudar Simmel é estudar um intelectual experimental que dialogou com muitas das perspectivas filosóficas disponíveis no seu tempo, como o positivismo, o evolucionismo e o vitalismo. Simmel também foi um severo crítico de sua própria produção. Ele reformulava frequentemente o entendimento acerca dos objetos que analisava e buscava os observar pelos mais variados ângulos. Além disso, Simmel era um autor de parca sistematização e seu intuito, por meio do ensaísmo, era promover, prioritariamente, reflexões.

Encarar a teoria da história simmeliana me foi, assim, um desafio em vários momentos. Os seus textos não são facilmente digeríveis e, para compreendê-los, é necessário dedicar atenção redobrada. Seus próprios alunos já diziam que suas aulas eram bem mais acessíveis quando comparadas com seus escritos. “A aula de Simmel é completamente diferente de seus livros. A dificuldade de seu estilo escrito, que exige frequentemente do leitor ler três vezes a frase, se resolve na medida em que o falante resolve a frase”⁹⁷, um deles escreveu. Apesar de todas essas dificuldades, espero que, ao menos, eu tenha possibilitado o esclarecimento de alguns dos pontos principais de seu pensamento e reverberado as suas indagações.

⁹⁷ Trecho presente em WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013, p. 572.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGARD, Olivier. Georg Simmel et la *Völkerpsychologie*. In.: TRAUTMANN-WALLER, Céline (Org.). *Quand Berlin pensait les peuples: Anthropologie, ethnologie et psychologie (1850-1890)*. Paris: CNRS Éditions, 2014.

ARAÚJO, André de Melo. Leopold von Ranke (1795-1886). In.: PARADA, Maurício (Org.). *Os historiadores clássicos da história, vol. 2: de Tocqueville a Thompson*. Petrópolis, RJ: Vozes: PUC-Rio, 2013.

BEISER, Frederick C. *Depois de Hegel: A filosofia alemã de 1840 a 1900*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2017.

_____. *The German Historicist Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

CALDAS, Pedro Spinola. Da essência da compreensão histórica, de Georg Simmel: Um estudo introdutório. In.: MALERBA, Jurandir (Org.). *Lições de história: Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013, pp. 231-239.

DE LUCA, Gabriela. *O desenvolvimento da noção de Verstehen em Georg Simmel*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Porto Alegre: UFRGS/IFCH, 2017.

FRISBY, David. *Georg Simmel*. 2a edição. México: FCE, 2014.

_____. Georg Simmel and Social Psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, EUA, v. 20, n. 2, pp. 107-127, 1984.

HULAK, Florence. Science historique et sociologie chez Georg Simmel. *Sociologie et sociétés*, Quebec, v. 44, n. 2, pp. 75-94, 2012.

JALBERT, John E. *Time, Death and History in Simmel and Heidegger*. *Human Studies*, v. 26, n. 2, pp. 259-283, 2003.

KLAUTKE, Egbert. *The Mind of the Nation: Völkerpsychologie in Germany, 1851-1955*. Nova York: Berghahn Books, 2013.

MARÍAS, Julián. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEGILL, Allan. Teoria da história CA. 1870-1940: Objetividade e antinomias da história em um tempo de crise existencial. In.: MALERBA, Jurandir (Org.) *Lições de história: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre: FGV: Edipucrs, 2013.

OAKES, Guy. Introduction. In.: SIMMEL, Georg. *Essays on Interpretation in Social Science*. Manchester: Manchester University Press, 1980.

_____. Introduction: Simmel's Problematic. In.: SIMMEL, Georg. *The Problems of the Philosophy of History: An Epistemological Essay*. New York: The Free Press, 1977.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1999.

PYYHTINEN, Olli. Life, Death and Individuation: Simmel on the Problem of Life Itself. *Theory, Culture & Society*, v. 29, n. 7-8, pp. 78-100, 2012.

RAMMSTEDT, Otthein. Como Georg Simmel chegou à modernidade e lhe permaneceu fiel?. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 53-73, Abril, 2015.

_____; DAHME, H. J. A modernidade atemporal dos clássicos da sociologia: reflexões sobre a construção de teorias em Émile Durkheim, Ferdinand Tönnies, Max Weber e, especialmente, Georg Simmel. In.: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 2014.

SENEDA, Marcos César. Simmel e a hipótese da compreensão como reconstrução de processos psíquicos no conhecimento histórico. *Veritas*, Porto Alegre, v. 63, n. 3, pp. 1073-1091, 2018.

SIMMEL, Georg. A escultura de Rodin e a direção espiritual do presente. In.: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 2014.

_____. A moldura: Um ensaio estético. In.: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2a ed., 2014.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. In.: SIMMEL, Georg. *Psicologia do Dinheiro e outros ensaios*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2015.

_____. *Ensaio sobre teoria da história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

_____. O dinheiro na cultura moderna. In.: SIMMEL, Georg. *Psicologia do Dinheiro e outros ensaios*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2015.

_____. *Problemas de Filosofia de la Historia*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1950.

STAITI, Andrea. *Husserl's Transcendental Phenomenology: Nature, Spirit and Life*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014.

TEDESCO, João Carlos. Georg Simmel e as ambigüidades da modernidade. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, pp. 57-67, 2007.

VANDENBERGHE, Frédéric. *As sociologias de Georg Simmel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Gabriel Luan Oliveira da Silva Pereira de Jesus, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “*A forma da alma do historiador*”: *a hermenêutica na teoria da história de Georg Simmel* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília – DF, 01/04/2021.



Gabriel Luan Oliveira da Silva Pereira de Jesus